

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS – UFMG
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESPECIALIZAÇÃO EM TEMAS FILOSÓFICOS

Kênio Barros De Ávila Nascimento

UMA COSMOVISÃO INTEGRAL DO HOMEM

BELO HORIZONTE
2012

Kênio Barros De Ávila Nascimento

UMA COSMOVISÃO INTEGRAL DO HOMEM

Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em
Temas Filosóficos Da Faculdade de Filosofia e Ciências
Humanas da UFMG (Universidade Federal De Minas Gerais);

Orientador: Dr. Túlio Aguiar.

BELO HORIZONTE
2012

ATA DE DEFESA

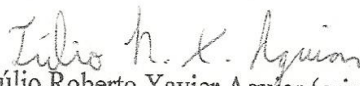
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
Curso de Especialização em Temas Filosóficos

Ata da Defesa de Trabalho Final de
KENIO BARROS DE AVILA NASCIMENTO
Nº de Matrícula: 2010670307

Aos quatorze (14) dias do mês de fevereiro de dois mil e doze (2012), reuniu-se na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais a Comissão Examinadora para julgar o Trabalho Final "UMA COSMOVISÃO INTEGRAL DO HOMEM", requisito para a obtenção do Certificado de Especialização em Temas Filosóficos. Abrindo a sessão, o Presidente da Comissão, Prof. Túlio Roberto Xavier Aguiar passou a palavra para ao aluno **KENIO BARROS DE AVILA NASCIMENTO**, para apresentação do seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa do aluno. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença do aluno e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes notas:

- Prof. Dr. Túlio Roberto Xavier Aguiar (orientador).....85,0.....(OITENTA E CINCO)
- Prof. Dr. Bruno Batista Pettersen.....85,0.....(OITENTA E CINCO)
Pelas notas atribuídas, o aluno foi considerado aprovado com a seguinte média:
.....85,0.....(OITENTA E CINCO.....).

O resultado final foi comunicado publicamente o aluno pelo Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, a sessão foi encerrada e lavrou a presente ATA, que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora. Belo Horizonte, 14 de fevereiro de 2012.


Prof. Dr. Túlio Roberto Xavier Aguiar (orientador)


Prof. Dr. Bruno Batista Pettersen

DEDICATÓRIA

Dedico a meu pai, Heuser – pela paciência;

A minha mãe linda e alegre, Beth;

A minha irmãzinha querida, Renata;

A minha Virgínia – pelo apoio (quase!) incondicional.

E a Deus.

SUMÁRIO

ATA DE DEFESA	2
DEDICATÓRIA	3
SUMÁRIO	4
RESUMO	5
ABSTRACT	5
PALAVRAS – CHAVE	5
LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....	6
1. Introdução.	7
1.1. A crise.....	7
1.2. A necessidade de se apreender o conceito de crise de paradigmas.....	7
1.3 - Uma resposta à crise provém das ideias do filósofo norte-americano Ken Wilber. .	8
2. - Um Mergulho na <i>Estrutura</i> de Kuhn.....	9
2.1. - Resumo da <i>Estrutura</i>	9
2.1.1 - Ciência Normal.....	10
2.1.2 - Paradigmas.....	12
2.1.3 - Quebra-cabeças.....	12
2.1.4 - Anomalias.....	13
2.1.5 - Crises.....	15
2.1.6 - As Revoluções Científicas.....	15
3. - Uma Abordagem Integral.....	16
3.1 – Necessidade de uma cosmovisão integral.....	16
3.2 - Rudimentos da abordagem integral de Ken Wilber.....	19
4. – As limitações de Kuhn frente à Wilber.....	21
4.1 – “Enquadrando” Kuhn na perspectiva integral.....	21
4.2 - Análise do conceito de paradigmas.....	22
4.3 - Crítica à “crise” de Thomas Kuhn.....	22
5 - Conclusões.....	22
6 - Bibliografia.....	25

RESUMO

Como resposta à crise de paradigmas prevista por Thomas Kuhn, apresenta-se o esboço de uma cosmovisão integrada do homem, baseada numa visão tetra-dimensional da realidade – segundo os escritos do filósofo norte-americano Ken Wilber.

ABSTRACT

In response to the paradigms crisis provided by Thomas Kuhn, presents the outline of an integrated worldview of man, based on a four-dimensional view of reality – according to the writings of american philosopher Ken Wilber.

PALAVRAS – CHAVE

Crise de Paradigmas

Era da Ansiedade

Ken Wilber

Realidade Holárquica

Tetra-Visão

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: As oito perspectivas inatas	20
Figura 2: Os Quatro Quadrantes ou As quatro visões de mundo	21

1. Introdução.

1.1. A crise.

É lugar comum (em todas as épocas?) que o homem vive uma crise de identidade – não falamos ainda aqui da crise de paradigmas de Kuhn.

Para alguns, o homem sempre esteve na crise, para outros esta época (a partir da Modernidade) tem algo especial, como para **Sigmund Freud** (1930):

Talvez, [...], a época atual mereça um interesse especial. Os homens **adquiriram sobre as forças da natureza um tal controle**, que, com sua ajuda, não teriam dificuldades em se exterminarem uns aos outros, até o último homem. Sabem disso, e daí que provém grande parte de sua atual inquietação, de sua infelicidade e de sua ansiedade. (Grifo Nosso. O Mal-Estar na Civilização. Pág. 147).

Há, ainda, aqueles para qual há uma crise de paradigmas na Ciência em geral, na Física em particular, que se irradia em todas as áreas do conhecimento e, por conseguinte, afeta a visão que o homem tem de si, de sua origem, e do universo.

Acredita-se que a origem desta crise não precisa ser buscada mui longe na história. Basta retrocedermos até o início da Idade Moderna, meados do século XVIII.

Mas para entendermos esta crise, ou mesmo a crise de paradigmas, devemos compreender alguns conceitos da história da ciência, a fim de aplicarmos ao nosso caso: a crise da angústia humana.

1.2. A necessidade de se apreender o conceito de crise de paradigmas.

Possivelmente a obra mais conhecida e (arqui) debatida da filosofia da ciência a partir da segunda metade do século XX, ***A Estrutura das Revoluções Científicas***, publicada em 1962, é um ensaio escrito pelo então professor na universidade de Harvard, **Thomas S. Kuhn**.

Naquele ensaio, Thomas Kuhn propôs uma nova filosofia da ciência que refletisse o desenvolvimento não-acumulativo da ciência, ao invés da “velha

história” da ciência contada nos manuais científicos, cuja visão traz uma ciência de mera acumulação de fatos individuais.

Passados quase 50 anos da publicação daquela obra, neste início da segunda década do 3º milênio, pode-se afirmar que os méritos de Kuhn levaram a uma nova historiografia.

Kuhn inovou ao criar ou desenvolver inúmeros conceitos tais como: **paradigmas, ciência normal, incomensurabilidade, revoluções científicas** e outros mais.

O conceito de **crise de paradigmas**, em particular, merece atenção dos cientistas e professores, vez que saber como e quando ocorre uma crise pode ser um modo de saber lidar com ela.

1.3 - Uma resposta à crise provém das ideias do filósofo norte-americano Ken Wilber.

Antes, porém, é necessário fazer um *link* entre as ideias de Ken Wilber e Thomas Kuhn – o que não é difícil. O complicado é fazer esta ligação em poucas palavras. Mas vamos tentar.

Ken Wilber escreveu inúmeros livros, artigos e publicou vídeos com entrevistas e conferências, muitos disponíveis na internet.

Ele procura uma unidade por detrás das díspares especializações do conhecimento humano. E quando falamos do saber humano, não se limita a mera abordagem da Ciência. Vai da Ciência à Moral, destes até a Arte. Por fim, chega até a união entre a Ciência e a Religião.

Segundo Wilber, nesta nossa época atual temos acesso ao conhecimento humano acumulado de Milênios, tanto do Ocidente, quanto do Oriente. Limitar os nossos conhecimentos a apenas aqueles obtidos nos últimos 300 anos não é inteligente. Descartar todos os conhecimentos anteriores ao Iluminismo seria imaginar que ao longo de Milênios o homem não fora capaz de fazer nada de útil.

Para isto, Wilber procura ampliar o conceito de Ciência. Para ele há três usos para a palavra Ciência, (a verdadeira Ciência) a mais ampla, terá as seguintes características ou três elementos: injunção ou paradigma; dados; e confirmação/rejeição (WILBER, Ken. A União da Alma e dos Sentidos. Integrando Ciência e Religião, 2007, pág. 123).

Ao considerar este conceito mais amplo de Ciência, as grandes tradições místicas esotéricas, por exemplo, podem ser consideradas **científicas**. Exemplo, o za-zen, meditação budista.

Aliás, as grandes tradições místicas, numa abordagem esotérica, “escondem” conhecimentos semelhantes entre si, passados de geração em geração: a **Filosofia Perene**. Isto ocorreu desde Platão e Plotino, no Ocidente, e dos Vedantas, na antiga Índia, até místicos mais atuais como o indiano Sri Aurobindo, ou, quem sabe, o hoje Dalai Lama.

Mais adiante, neste mesmo trabalho, explicaremos a limitação do pensamento de Thomas Kuhn, assim com outros pensadores, do ponto de vista wilberiano.

Antes, mergulharemos no mundo de Kuhn a fim de conhecê-lo em profundidade para depois tentar criticá-lo.

2. - Um Mergulho na *Estrutura* de Kuhn.

2.1. - Resumo da *Estrutura*.

O ensaio de Kuhn pretendia demonstrar o caráter enganoso da então história da ciência, e queria esboçar um novo tipo de conceito de ciência que viria dos próprios registros da atividade de pesquisa. Contudo, a visão a-histórica dos fatos dificulta o surgimento de uma nova ciência histórica. (KUHN, Thomas S. A Estrutura das Revoluções Científicas. Pág. 20).

Caso a ciência seja mero conjunto de fatos, métodos e teorias, o seu desenvolvimento é mero acúmulo gradativo destes itens. Deste modo, só restaria

ao historiador da ciência duas alternativas: 1) determinar o onde, quando e por quem cada descoberta e avanço científico foi executado; 2) bem como determinar os erros, mitos e mentalidades que impediram uma mais rápida acumulação do saber científico moderno.

Porém, devido a inúmeras dificuldades encontradas por historiadores de uma ciência que se faz por acumulação, eles próprios passam a suspeitar que talvez a ciência não se desenvolva por esta **acumulação** de êxitos individuais. Logo, tais historiadores se confrontam com a dificuldade de distinguir quais são os dados do passado realmente científicos daqueles que seus predecessores (historiadores) declararam como erro ou mito.

Uma nova historiografia (não-cumulativa) já observa : “que nos primeiros estágios de desenvolvimento da maioria das ciências se caracterizam por **contínua competição** entre diversas concepções de natureza distintas. (...)” E a diferença entre o insucesso e sucesso entre estas escolas deve-se à chamada “**incomensurabilidade** de suas maneiras de ver o mundo e nela praticar a ciência.” (KUHN, Thomas S. A Estrutura das Revoluções Científicas. Pág 23).

2.1.1 - Ciência Normal.

Não se inicia uma pesquisa eficaz sem antes a comunidade científica ter respondido seguramente às seguintes perguntas:

- Quais são as entidades fundamentais que compõem o universo? - Como interagem essas entidades umas com as outras e com os sentidos? - Que questões podem ser legitimamente feitas a respeito de tais entidades e que técnicas podem ser empregadas na busca de soluções? (KUHN, Thomas S. A Estrutura das Revoluções Científicas. Pág. 23)

As respostas às perguntas acima se refletem na formação básica do futuro pesquisador, exercendo profunda influência sobre saber científico como um todo. Daí a necessidade de se verificar o funcionamento da dita **ciência normal**, “que poderia ser descrita como uma tentativa vigorosa de submeter a natureza ao quadro conceitual fornecido pela tradição científica.” (KUHN, Thomas S. A Estrutura das Revoluções Científicas. Pág. 24).

A ciência normal baseia-se no (suposto) fato de que a ciência sabe como é o universo. Defende-se este saber com muita eficiência, o sucesso da ciência depende deste saber e sua defesa é, portanto, fundamental para a continuidade do empreendimento, mesmo que os custos de defesa lhe sejam muito alto.

Uma consequência da defesa do saber científico é a **supressão de novidades fundamentais**. Mas como o próprio saber científico tem sua margem de arbitrariedade, a própria pesquisa normal permite que novidade não seja suprimida por muito tempo. Através do surgimento de anomalias na pesquisa normal – sejam resultados inesperados em novos equipamentos, sejam aqueles surgidos mesmo no dia-a-dia - tais novidades, quando sobrevivem e ao ataque da ciência normal e se acumulam, levam a pesquisas extraordinárias que conduzem a uma renovação da base científica.

Certas restrições são cruciais para o desenvolvimento da ciência, pois concentra esforços em problemas de iniciados que visam aprofundar e detalhar um aspecto da natureza que jamais seria conseguido sem o paradigma. (KUHN, Thomas S. A Estrutura das Revoluções Científicas. Pág. 45).

A ciência normal tem a singular característica de ter pouco interesse em produzir grandes novidades, sejam conceituais ou fenomenológicas.

E o fracasso em alcançar determinado resultado previsto no paradigma é sempre considerado um fracasso do homem cientista.

A ciência normal significa pesquisa firmemente baseada em várias realizações científicas passadas. Tais êxitos científicos estão relatados em manuais de ciências ou mesmo em clássicos científicos. Neles está exposto o corpo da teoria aceita, com muitas ou todas as aplicações destas teorias, bem como as comparações entre estas aplicações através de observações e experiências exemplares. Os clássicos influenciaram gerações por dois motivos: relataram realizações extraordinárias que trouxeram inúmeros adeptos, que foram afastados de outras ciências paralelas; e, ao mesmo tempo, seus feitos eram suficientemente abertos para deixar inúmeros e variados problemas a serem resolvidos por grupo renovado de cientistas.

2.1.2 - Paradigmas.

Estes dois motivos ou características definem um tipo de realização denominada “**paradigma**”, termo bem ligado à ciência normal. Eles são exemplos da prática real que assimilam ao mesmo tempo: a lei, a teoria, a aplicação e a instrumentação. São, portanto, modelos. Os estudantes (futuros cientistas) aprendem basicamente estes paradigmas.

Ressalte-se que assimilar um paradigma significa **maturidade** no desenvolvimento de qualquer saber e campo científico. Caso contrário, cada pesquisador ou criador seria obrigado a construir novamente seu campo de estudos desde os fundamentos.

O paradigma não é simplesmente um modelo a servir de base simples cópia ou reprodução. Não. O paradigma, na verdade, é um objeto a ser mais articulado e detalhado em condições mais rigorosas e novas. Pois, quando ele surgiu, ao vencer suas escolas concorrentes, ele não necessariamente resolvia todos os novos e inúmeros problemas. Ele só era “melhor” que suas correntes nisso, pois coloca novos problemas. Há muito trabalho de acabamento na ciência. Esta ciência de acabamento é a ciência normal, que visa encaixar a natureza dentro dos limites inflexíveis e estreitos do paradigma.

2.1.3 - Quebra-cabeças.

Para o cientista, a ciência normal visa aumentar o alcance e a precisão de aplicação do paradigma. Além do desafio de chegar aos resultados previstos de uma maneira diferente. Algo como solucionar “quebra-cabeças”, verdadeiro desafio ao cientista, testando-lhe a engenhosidade. (KUHN, Thomas S. A Estrutura das Revoluções Científicas. Pág. 59)

O “quebra-cabeça” sempre apresenta uma solução. Ainda que não tenha qualquer valor relevante ou intrínseco no seu fim. Além disso, solucionar “quebra-cabeças” implica em seguir determinadas regras – e, no caso do cientista, de seguir determinado paradigma, do qual derivam as regras.

Independente da motivação que levam as pessoas às áreas da ciência, uma vez lá, sua motivação básica será solucionar “quebra-cabeças” de modo

único, ou seja, resolver problemas do modo como ninguém os resolveu antes ou tão bem. (KUHN, Thomas S. A Estrutura das Revoluções Científicas. Pág. 61).

A ciência normal é altamente cumulativa e alcança seu objetivo principal: ampliar continuamente o alcance e precisão do saber científico. (KUHN, Thomas S. A Estrutura das Revoluções Científicas. Pág. 77).

Contudo, ela não quer descobrir novidades. Apesar disso, os cientistas estão sempre encontrando novidades quanto aos fenômenos e criam sempre novas teorias.

2.1.4 - Anomalias.

As mudanças ocorrem, grosso modo, através de descobertas (ou novidade em relação aos fatos) e invenções (ou novidades concernentes à teoria).

É importante ressaltar que a anomalia só surge tendo como pano de fundo originado pelo paradigma. Isto é, quanto maiores forem a precisão e o alcance de um paradigma, tanto mais sensível será como indicador de anomalias e, então, da ocasião para a mudança no paradigma.

A ciência normal prepara o caminho para a própria mudança.

As descobertas científicas ocasionam mudanças construtivas e destrutivas de paradigmas. Mas não somente elas. As invenções de novas teorias ocasionam mudanças ainda mais amplas.

A emergência de novas teorias ocorre quando há uma crise confiança generalizada. Uma verdadeira insegurança profissional que leva à destruição de paradigmas em larga escala e grandes alterações nos problemas e técnicas da ciência normal. (KUHN, Thomas S. A estrutura das Revoluções Científicas. Pág. 95).

Na verdade, a ciência normal não produz os resultados esperados, daí a necessidade de novas regras.

Alguns exemplos de mudanças teóricas: abandono da teoria de flogisto pela de Lavoisier; abandono da teoria astronômica ptolomaica pela de Copérnico; e da teoria do espaço absoluto de Newton pelo espaço relativo de Einstein.

Uma observação é que a solução para cada época de crise historicamente sempre foi antecipada na época em que a ciência não estava em crise e, por isso, mesma foi ignorada. Exemplo: Aristarco, século III a.C. antecipou-se ao Copérnico. (KUHN, Thomas S. A estrutura das Revoluções Científicas. Pág. 103/104).

Nenhuma teoria surgiu do confronto direto como a natureza. Decidir rejeitar um paradigma significa aceitar outro, e o para decidir isto é necessário comparar ambos os paradigmas com a natureza, bem como fazer a comparação mútua.

Alguns cientistas enxergam nos contra-exemplos a uma teoria como a justificativa para modificá-la (como fonte de crise) e outros vêem o mesmo fato como mais um “quebra-cabeça” que deve ser solucionado (sem crise) pela ciência normal. (KUHN, Thomas S. A Estrutura das Revoluções Científicas, Pág. 110).

A ciência normal esforçar-se para aproximar sempre mais a teoria dos fatos – que ela própria determina. E tal atividade pode ser vista como um teste ou uma busca de confirmação e falsificação.

Mas, na verdade, ela faz é resolver um quebra-cabeça, cuja simples existência supõe a validade do paradigma. O fracasso em alcançar uma solução desacredita somente o cientista e não a teoria.

As aplicações apresentadas nos manuais pedagógicos não são apresentadas como provas – ao contrário do que possa parecer – mas para serem aprendidos como paradigmas que servem de base para a prática do saber científico em vigor.

O cientista que pára e analisa cada uma das anomalias que constata raramente realizará algo importante no trabalho.

Só algumas anomalias são dignas de investigação ampla dentro do próprio paradigma. Elas surgirão de diversos modos, como questionando claramente os fundamentos do paradigma, ou uma anomalia sem importância tornar-se uma fonte de crise, ou mesmo uma anomalia que só era um incômodo tornar-se outra fonte de crise.

No momento em que a anomalia tornar-se algo maior que um quebra-cabeça da ciência normal é que começou a transição para a crise e para a ciência extraordinária.

2.1.5 - Crises.

São dois os principais efeitos da crise: obscurecimento de um paradigma e o conseqüente relaxamento das regras que orientam a pesquisa normal.

E as crises podem terminar de três modos: a ciência normal acaba por tratar do problema – apesar do desespero de alguns indivíduos; o problema resiste às mais radicais abordagens, com os cientistas concluindo que nenhuma solução pode surgir no atual estado da área de estudo; ou pode emergir um candidato a paradigma com a posterior batalha entre eles.

Muitas vezes um novo paradigma emerge antes que a crise esteja bem desenvolvida ou tenha sido amplamente reconhecida. Mas, em outros casos, há um lapso temporal grande entre a consciência de que o paradigma falhou e a emergência de um novo.

Nos períodos de crise os cientistas se voltam para análises filosóficas que questionam a própria atividade científica, para resolver as charadas de sua área de atuação.

2.1.6 - As Revoluções Científicas.

“A transição para um novo paradigma é uma revolução científica.” (KUHN, Thomas S. A estrutura das Revoluções Científicas. Pág. 122).

Nas revoluções científicas, o paradigma mais antigo é total ou parcialmente substituído por um novo. Kuhn faz um paralelo entre as revoluções científicas e as políticas.

“A escolha entre os paradigmas em competição demonstra ser uma escolha entre modos incompatíveis de vida comunitária.” (KUHN, Thomas S. A estrutura das Revoluções Científicas. Pág. 127). Na competição, cada grupo utiliza-se de seu próprio paradigma para argumentar em favor desse mesmo paradigma: é a argumentação circular, cujo valor é somente persuasivo, uma vez que não se

pode impô-lo por uma argumentação lógica ou probabilística, devido ao restrito âmbito comum de premissas e valores entre os grupos em disputa. (KUHN, Thomas S. A estrutura das Revoluções Científicas. Pág. 127/128)

As razões pelas quais uma assimilação de um paradigma leva a uma rejeição do anterior não derivam só da estrutura lógica do conhecimento científico.

A pesquisa normal, que é cumulativa, deve seu sucesso à habilidade dos cientistas para selecionar regularmente fenômenos que podem ser solucionados através de técnicas conceituais e instrumentais semelhantes às já existentes (é por isso a preocupação excessiva com problemas úteis, sem levar em consideração sua relação com os conhecimentos e técnicas existentes, pode facilmente inibir o desenvolvimento científico). (KUHN, Thomas S. A Estrutura das Revoluções Científicas. Pág. 130).

Mas podem surgir sempre de novas descobertas e de novas teorias. As revoluções científicas não são meras adições ao conhecimento científico. Mas elas, em geral, são quase invisíveis.

3. - Uma Abordagem Integral.

3.1 – Necessidade de uma cosmovisão integral.

Como já dito de outra forma na introdução, é lugar comum afirmar que no mundo contemporâneo o conhecimento é fragmentado em mini divisões especializadas, e que isso dificulta a unificação deles e facilita a conclusão de que não há verdades supremas, vez que todas (“verdades”) são equivalentes e parciais na sua visão.

Muitos culpam o filósofo **Descartes**, com sua consagração da visão dualista (ou inter-relacional), por ter criado esta cisão na cosmovisão humana através de sua filosofia reducionista. Neste sentido, diz o físico e filósofo **Wolfgang Smith**:

Há a concepção cartesiana de um mundo externo feito exclusivamente das chamadas *res extensae* ou ‘coisas extensa’, as quais se supõem serem desprovidas de todos os atributos ou qualidade ‘secundárias’, tais como a cor, por exemplo. Tudo o mais fica legado, de acordo com esta filosofia, às chamadas *res cogitantes* ou ‘coisas pensantes’, cujo ato constitutivo, por assim dizer, não é uma extensão, mas, pensamento. Assim, de acordo com Descartes, o que no universo não seja ‘*res extensa*’ passa a ser um objeto de pensamento ou, em outras palavras,

uma coisa que **não tem** existência fora de uma res cogitans ou mente particular.

Devemos reconhecer que a dicotomia tem sua função, já que, ao relegar atributos secundários ao segundo dos compartimentos cartesianos, consegue-se de um golpe só uma simplificação incalculável do primeiro. O que sobra de fato é precisamente o tipo de 'mundo externo' que física matemática poderia em princípio compreender 'sem resíduo'. Há, no entanto, **um preço a ser pago: uma vez que o real tenha sido dividido em dois, fica difícil alguém saber como colar os pedaços de volta** (...). (SMITH, Wolfgang. O enigma quântico. Pag. 35-36, grifos nossos).

O filósofo **Hans Jonas** (1988) tem a mesma visão anti-descartes, ainda que por outros motivos:

Não obstante, Descartes não lucrou coisa alguma com a manobra abrupta para salvar a situação: a audaciosa ficção sobre seres autômatos [sem sentimentos e sem alma] é destruída pelo simples contato com um animal (...). (JONAS, Hans. Matéria, espírito e criação. Pag. 48-49).

Talvez Descartes fosse apenas o porta-voz daqueles tempos, que mais tarde culminaram numa verdadeira dissociação (não mera separação) entre as esferas da moral, da ciência e da arte. Era o início da Idade Moderna.

Antes da Revolução Francesa, **Voltaire**, um dos arautos dos novos tempos, fez a advertência para a humanidade: "Esmague a Infame!", referindo-se à Igreja Católica de então.

Na ânsia de se livrarem dos despojos de uma igreja derrotada, os Iluministas confundiram a religião então praticada com a religiosidade humana. Esta dimensão fundamental ao homem foi então descartada em prol do medo do retorno aos tempos da Igreja Católica hegemônica.

Com as dimensões dissociadas (moral, ciência e arte), e sem a religiosidade, pensou-se que a humanidade, sem seus grilhões mentais, alcançaria um grau máximo de felicidade. (WILBER, Ken. A União da Alma e dos Sentidos. Integrando Ciência e Religião, 2007, Págs 41-51).

Se a religiosidade **não** fosse fundamental ao homem, **não** haveria maiores empecilhos. Mas foi um tiro pela culatra. Pois a religiosidade se trata de uma **linha de desenvolvimento humana** (definição de Ken Wilber) que, se bloqueada,

impede o progresso de outras linhas acarretando um crescimento pífio da inteligência humana, senão um retrocesso (WILBER, Ken. Espiritualidade Integral. Uma nova função para a religião neste início de milênio, 2006, Págs. 240-245).

As hecatombes humanas causadas pelo progresso desenfreado da humanidade (pois a ciência se desenvolveu enormemente) foram talvez originadas pela ânsia humana de um deus ou vários. “Se Deus morreu”, na expressão de **Nietzsche**, encontrar-se-ia um substituto à altura: projetos de mudança mundial que levaram a endeusamento da figura humana, o culto a indivíduos e a soluções autoritárias e rápidas. Surgia a era dos “ismos”: comunismo, anarquismo, baconismo, e agora, “nova eras”.

Somente a restauração da **visão integral** do homem retirá-lo-á do caminho sinuoso no qual se meteu.

Dizem ainda, os estudiosos, que a pós-modernidade é a era da ansiedade.

A dissociação que comentamos acima – entre moral, arte e ciência - ocasionada pela supressão da linha de desenvolvimento espiritual da humanidade é a causa desta “era ansiosa”.

Como conseqüência, temos uma humanidade coletivamente (e culturalmente) adoentada, como se atesta pelo numerosos indivíduos que se encontram em estado depressivo (da mais comum distímia até a depressão mais grave e incapacitante) até aqueles indivíduos que permanecem em estados eufóricos, fruto de personalidades narcisísticas.

Ambas personalidades, a depressiva e a narcisística, são características de pessoas que perderam o seu centro, que tornaram sua vida sem sentido, seja através de uma visão de mundo niilista, sem sentido, ou de uma visão hedonista, que só visa o prazer portanto. São extremos que se tocam e são o fruto mais expressivo da falência da modernidade (e pós) e sua visão mecanicista e esquizofrênica do mundo. (TREVISOL, Jorge. Educação Transpessoal, 2008, Págs. 8-23).

Urge a humanidade em recuperar e integrar as suas partes dissociadas. Uma visão **holárquica** (baseadas numa hierarquia de hólons, segundo Wilber) pode ser a saída.

3.2 - Rudimentos da abordagem integral de Ken Wilber.

Há várias abordagens (ou pontos de vista) da realidade. Há várias abordagens para se fazer uma pesquisa científica, por exemplo.

Pode-se ver tudo que acontece do ponto de vista exclusivamente pessoal (interior) do cientista, digamos, numa **abordagem fenomênica**. Ou ainda, ver o fato numa perspectiva de ciclos autônomos em interação, como na ecologia. Tem-se uma **perspectiva sistêmica**. Ainda, pode-se ainda ver tudo do ponto de vista externo, objetivo, das interações das forças físicas envolvidas se por exemplo analisarmos um “átomo”: forças nucleares fraca e forte etc. Tal perspectiva é uma **visão objetiva da realidade**. E pode-se ainda se ver um fato pela **perspectiva cultural (ou intersubjetiva)**. Como Jürgen Habermas faz ao conceber uma teoria da ação comunicativa.

Assim, subjaz a pergunta: se há uma meta-visão que é anterior a estas acima? Ou como alguns afirmam, há primazia de uma ou outra visão?

Numa visão integral, todas estas perspectivas estão corretas! São meras abordagens do **Kosmos** - da realidade num sentido bem amplo:

Me gustaría volver na introducir este término, **Kósmos**. El *Kósmos* contiene al cosmos (o fisiosfera), al bios (o biosfera), al nous (o noosfera) y al teos (teosfera o dominio divino) - donde ninguno de ellos es más fundamental que los demás (incluso el espíritu se difumina en el Vácio). (WILBER, Ken. Sexo, Ecología, Espiritualidad, E-book: posição 1383, Grifos nossos).

E os Kosmos é composto de **hólons**. Portanto a realidade como um todo não é composta por coisas ou processos, mas apenas por hólons:

Es decir, [a realidade] está compuesta de **totalidades que son simultáneamente partes de otras totalidades**, sín límite hacia arriba o hacia abajo." (WILBER, Ken. Sexo, Ecología, Espiritualidad, E-book: posição 1319, Grifos nossos)

(...) [e] **Los holones** muestran **cuatro** capacidades fundamentales: **autopresevación, autoadaptación, autotrascendencia y audisolucion**. (WILBER, Ken. Sexo, Ecología, Espiritualidad, E-book: posição 1438, Grifos nossos) .

E nesta perspectiva integral, na realidade o fato (ou hólón) se manifesta sempre em quatro dimensões. Há uma tetra-visão do mundo:

Tomadas em conjunto, estas **cuatro capacidades** [ver citação acima] pueden ser representadas como una **cruz**, con **dos <opuestos> horizontales (individualidad y comunión) y dos <opuestos> verticales (autotrascendencia y autodisolución)**.

Estas cuatro <fuerzas> **están en tensión constante (...)** **Horizontalmente:** cuando más individualidad, menos comunión, y viceversa. (...). (WILBER, Ken. Sexo, Ecología, Espiritualidad, E-book: posição 1552, Grifos nossos).

(...) La **batalla vertical** se encuentra entre la autotrascendencia y la autodisolución, las tendencias que construyen o destruyen. " (WILBER, Ken. Sexo, Ecología, Espiritualidad, E-book: posição 1577, Grifos nossos).

Mas no total há oito perspectivas (para cada visão há a perspectiva interna e externa correspondente), ver figuras abaixo:

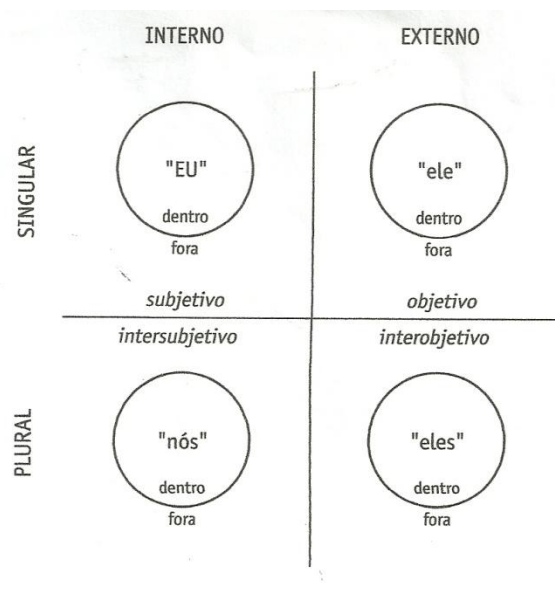


Figura 1: As oito perspectivas inatas

Fonte: WILBER, Ken. *Espiritualidade Integral. Uma nova função para a religião neste início de milênio*. Pág: 56.

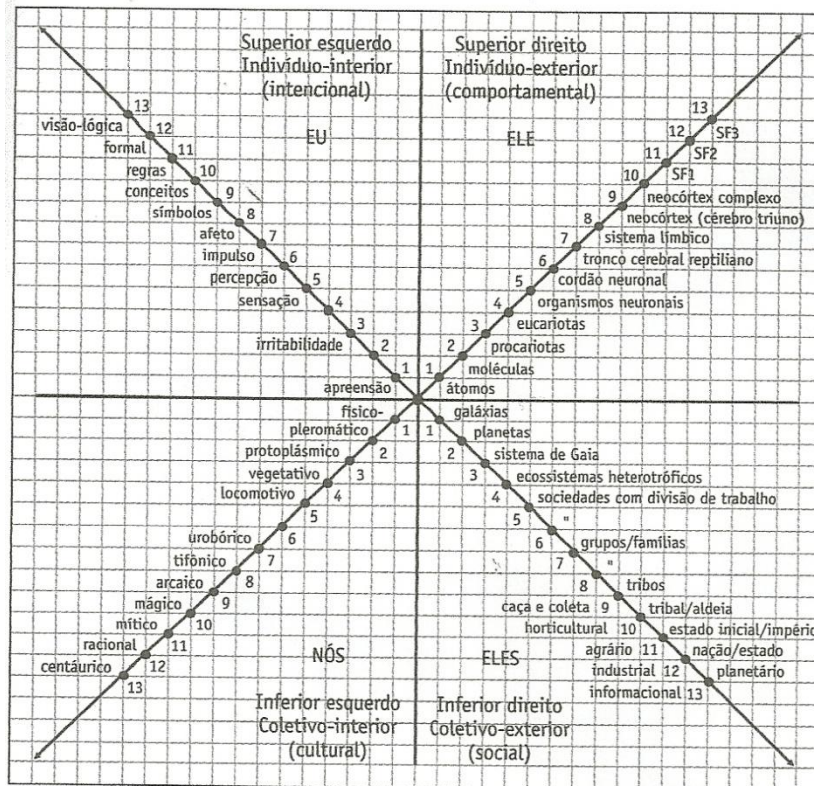


Figura 2: Os Quatro Quadrantes ou As quatro visões de mundo.

Fonte: WILBER, Ken. *Espiritualidade Integral. Uma nova função para a religião neste início de milênio*. Pág: 55.

Assim, as visões numa pesquisa científica deveriam ressaltar os quatro modos ao mesmo tempo, sem primazia de qualquer visão sobre a outra. Teremos, como já dito, numa pesquisa científica: **a visão fenomenológica, a visão objetiva, a visão intersubjetiva (ou cultural) e a visão inter-objetiva (ou sistêmica).**

Qualquer visão que se **sobreponha** às outras, **distorce a realidade** e não interpreta o Kosmos de modo correto.

4. – As limitações de Kuhn frente à Wilber.

4.1 – “Enquadrando” Kuhn na perspectiva integral.

Kuhn, brilhantemente, enfatiza a perspectiva cultural (ou intersubjetiva) e talvez a sistêmica. Realça estas visões da realidade. Dá à dimensão cultural um

colorido especial e rompeu na época de seu ensaio com uma perspectiva meramente objetiva da realidade científica.

Mas é limitado. Pois há as demais dimensões do Kosmos que ele minimizou, como a fenomenológica, e a objetiva.

4.2 - Análise do conceito de paradigmas.

Para Ken Wilber, a contribuição de Kuhn para a ciência é notável, mas há muita leitura equivocada de seus conceitos de paradigma, que é visto, às vezes, como algum tipo de superteoria. (WILBER, Ken. A União da Alma e dos Sentidos. Integrando Ciência e Religião, 2007, pág. 28-38).

Segundo Wilber, a leitura correta é a de que os paradigmas seriam injunções, ou seja, um conjunto de práticas sociais e modelos de comportamento - de como se praticar corretamente a ciência em determinada área. Ou melhor, como construir um telescópio ou como ver uma célula no microscópio, são exemplos de situações que precisam de injunções.

4.3 - Crítica à “crise” de Thomas Kuhn.

Contudo, o conceito “crise” de Kuhn é incompleto, pois leva em conta o aspecto inter-pessoal interno (ou seja, o aspecto cultural) e o aspecto sistêmico, desprezando assim alguns quadrantes para que houvesse uma **visão integral** do homem, que seriam: o fenomenológico e o aspecto objetivo.

5 - Conclusões.

Até o momento verifica-se que, grosso modo, há um embate na filosofia da ciência entre aqueles que acreditam no progresso desta por meio do acúmulo de contribuições individuais e entre aqueles que preferem enxergar a ciência moderna como resultado da trama social.

Desde Kuhn, a historiografia tem se radicalizado. Ele próprio tornou-se um sócio-construtivista, uma visão ainda hoje hegemônica nos EUA, cuja abordagem “considera o sucesso das teorias e explicações científicas como dependente da

trama social, política e institucional na qual tais explicações são produzidas, mantidas e alteradas” (OLIVEIRA, pag. 37).

Mais ainda há os ecos da velha oposição à Kuhn, que se hoje estão desacreditados, antes deram sua contribuição para a compreensão do funcionamento da ciência.

Como representante no século anterior de tais correntes de pensamento, temos o austríaco **Karl Popper**, um adepto da corrente que apregoa o desenvolvimento científico por meio do trabalho de indivíduos e também criador do conceito de **falseabilidade**. Para ele, não há “ciência normal”, mas sempre “ciência extraordinária”, nos termos de Kuhn.

O fenômeno da ciência normal foi descoberto, **mas não criticado**, por Thomas Kuhn em “Estruturas das revoluções científicas”. Kuhn **se equivocou**, creio, ao pensar que a ciência “normal” o é somente hoje, mas que sempre tenha sido. Pelo contrário, no passado – até 1939 – ciência foi **quase sempre crítica, ou “extraordinária”**, não havia “rotina” em ciência. (POPPER, Karl. Lógica das Ciências Sociais. pg. 43, rodapé. 1976. Grifos nossos).

Sem dúvida que nossa impressão (em geral, benevolente) da Ciência atualmente se deve à percepção de seus inumeráveis frutos, como seus incontáveis aparatos e máquinas tecnológicas.

Mas segundo Bernardo Jefferson de Oliveira (2010), devemos ter em mente que há uma distinção entre ciência e tecnologia, sendo a última percebida como a materialização da primeira, mas que há uma ilusão, pois, apesar da inter-relação entre elas, na maioria das vezes não há progresso tecnológico advindo do progresso científico.

Mas ambas correntes (de Kuhn e de Popper) não poderiam estar certas? Seria possível compatibilizá-las?

A resposta é sim e sim.

Como visto em páginas anteriores neste trabalho, a **visão integral** da realidade consegue respeitar ambas as visões da realidade (a intersubjetiva de Kuhn, e a objetiva de Popper).

Mas ainda, a visão integral permite resgatar a visão fenomenológica e ainda considerar a visão sistêmica, tão em voga hoje (exemplos: teoria dos sistemas, ou mesmo a teoria do caos).

Mas deve-se lembrar que todas as visões de mundo ocorrem sempre juntas, seja temporal ou espacialmente, numa **tetra-visão**.

Ressalta-se assim que “crise humana”, mencionada parágrafos acima, foi real na Modernidade, uma vez que certas dimensões humanas foram negligenciadas ou suprimidas, e aos poucos estas mesmas dimensões foram resgatas, seja pela revolta pós-modernista (“construtivismos”, com seus defeitos e lacunas), seja pelo surgimento de um movimento ainda incipiente: uma verdadeira **cultura integral**, conforme prevê o filósofo Ken Wilber.

6 - Bibliografia.

- FREUD, Sigmund. O Futuro de uma ilusão, O mal-estar na Civilização e outros trabalhos (1927-1931). Vol. XXI, 499 pgs. Ed. Imago: Rio de Janeiro, 2006.
- JONAS, Hans. Matéria, espírito e criação. Editora Vozes: Petrópolis, 2010 [1988].
- KUHN, Thomas S. A Estrutura das Revoluções Científicas. Ed. Perspectiva: São Paulo, 2009. Nona Edição.
- _____, _____. A revolução Copernicana. Ed: edições 70. 312 pags. Outubro de 2002.
- OLIVEIRA, Bernardo Jefferson de. Francis Bacon e a Fundamentação da Ciência como Tecnologia. Ed: UFMG, 2010. 284 pág. 2ª edição.
- POPPER, Karl. Lógica das Ciências Sociais. Ed: Tempo Brasileiro, 2004, 3ª edição. Rio de Janeiro, RJ.
- STORK, Ricardo Yepes. ECHEVARRÍA, Javier Arangurem. Fundamentos de Antropologia. Um ideal de excelência humana. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia Raimundo Lúdio, 2005. 533p.
- SMITH, Wolfgang. O enigma quântico. Ed: Vide Editorial, 2011. 277 págs.
- TABONE, Marcia. A psicologia Transpessoal. Ed: Cultrix, 170 pags. Edição 8ª, 2008.
- TREVISOL, Jorge. Educação Transpessoal. Um jeito de educar a partir da interioridade. Ed. Paulinas, 2008.
- WILBER, Ken. Espiritualidade Integral. Uma nova função para a religião neste início de milênio. São Paulo: Aleph, 2006. 383 p.
- _____, _____. A União da Alma e dos Sentidos. Integrando Ciência e Religião. São Paulo: Editora Cultrix, 2007. 166 p.
- _____, _____. O Olho do Espírito. São paulo: Editora Cultrix, 2007. 320 p.
- _____, _____. O Especto da Consciência. São paulo: Editora Cultrix, 2007 [1977]. 292 p.
- _____, _____. Uma Breve História do Universo. De Buda a Freud. Rio de Janeiro: Ed: Nova Era, 2004. 389 p.
- _____, _____. Um Deus Social. São Paulo: Editora Cultrix, 1987. 1ª Edição. 193p.
- _____, _____. Uma Teoria de Tudo. São Paulo: Editora Cultrix, 2009. 4ª Edição. 183p.
- _____, _____. Sexo, ecología, espiritualidad: El alma de la evolución. GAIA Ediciones: E-book.: Segunda edición revisada, 2011. 20205 posições.